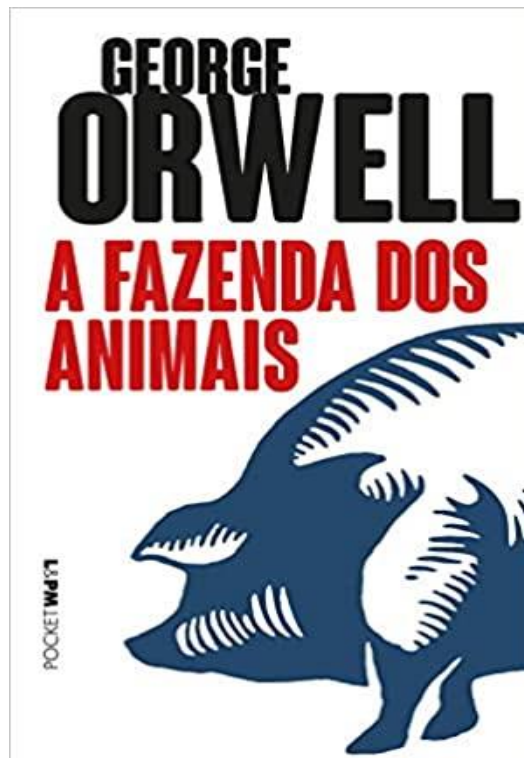


A TRADUÇÃO REVELOU QUE A “REVOLUÇÃO DOS BICHOS” NÃO FOI DE FATO UMA REVOLUÇÃO

Por Dinaura M. Julles



Quando a obra de George Orwell entrou em domínio público no início deste ano, já havia muitos planos para novas traduções de *Animal farm*, sua obra mais famosa. Os lançamentos se sucedem: a L&PM publica a nova edição traduzida por Denise Bottmann; a Autêntica, por Fabio Bonillo; a Antofágica, por Rogerio Galindo; a Via Leitura, por Alexandre Barbosa de Souza; a Novo Século, por Luisa Geisler e a Globo, por Petê Rissati.

O qual o motivo para todo esse interesse?

O romance alegórico foi publicado em 17 de agosto de 1945, onze dias depois do lançamento da bomba atômica sobre Hiroshima, que levou ao fim da Segunda Guerra Mundial. Orwell, um socialista democrata e inimigo da burocracia soviética, concebeu a história de como um movimento popular, movido

por ideais de liberdade, igualdade e justiça, acaba sendo assumido pelos piores elementos, que o traem para auferir todo o tipo de benefício pessoal.

Na verdade, era a história da Revolução Russa, de 1917, mas os tempos sombrios em que vivemos explicam o *revival* da obra. Pela apuração do PublishNews, o livro teve quase 30 mil cópias vendidas em 2020, ocupando a posição de número três da Lista Anual de Ficção. O título foi o terceiro mais vendido na última Lista de Black Friday, evidenciando que o leitor brasileiro tem novo interesse pela fábula.

A primeira tradução no Brasil foi publicada em 1964, em plena ditadura militar, traduzida por um tenente, Heitor Aquino Ferreira, secretário do general Golbery do Couto e Silva. Para utilizá-lo como uma arma de combate ao comunismo exposto no discurso da ditadura, a tradução do título foi mudada. Em inglês, chama-se “Animal Farm”; em terras brasileiras, virou “Revolução dos Bichos”. A tradução de Ferreira ganhou inúmeras edições e consolidou o título “**Revolução dos Bichos: um Conto de Fadas**”, como o livro passou a ser conhecido por aqui.

As edições brasileiras de *Animal Farm* são as únicas que adotaram “revolução” no título. A maioria das traduções pelo mundo é literal, mas houve quem fizesse outras escolhas. Os espanhóis optaram por *Rebelión en granja* (Rebelião na granja). Os portugueses criaram títulos como *O porco triunfante* e *O triunfo dos porcos*, em referência aos animais que lideraram a revolta. Recentemente, talvez por seu famoso apego à literalidade, eles optaram por um título menos controverso, mas que ainda guarda um charme lusitano: “A quinta dos animais”.

Várias das traduções recentes optaram pela tradução mais literal: *A Fazenda dos Animais*, para *Animal Farm*. *A Fazenda dos Animais* aqui comentada é de Denise Bottmann, premiada tradutora que há muitos anos trabalha para a L&PM Editores.

Em texto sobre a tradução publicado por Denise a pedido da Editora, ela justifica a sua opção por *A Fazenda dos Animais*. Quanto a animais, ela observa a diferenciação do uso dos termos *animals*, *wild creatures*, e *beasts* feita por Orwell.

Animals são os animais domésticos e de trabalho, *wild creatures* são os animais silvestres e *beasts* abrange a totalidade dos animais. Por respeito a esta designação, a tradutora mantém no título o termo “animais”, condizente com a terminologia adotada pelo autor e com a própria trama: são os animais domésticos e de trabalho que desencadeiam a rebelião – e não a revolução.

A respeito da opção por revolução, cito a própria tradutora: “E os animais não fazem uma revolução: os animais se rebelam, se levantam numa rebelião. Não têm qualquer programa revolucionário, a não ser aspirações de tipo cooperativista e autogestionário de longo prazo. Mobilizam-se por insatisfação, rebelam-se contra a opressão: que essa rebelião coletiva depois resulte numa nova situação, cujo comando virá a se concentrar progressivamente num número cada vez mais restrito de animais, são outros quinhentos. Dá-se a rebelião, mas não se implanta concretamente qualquer tipo de coisa que se assemelhe às aspirações que acompanhavam a rebelião: e é esse é o drama da coisa.”

Denise Botmann afirma também: “Creio que uma das áreas a que melhor se aplica o sapientíssimo dito “Ninguém é dono da verdade” é, provavelmente, a tradução. E a infundável variedade de seus frutos é o que faz da tradução algo tão interessante e fascinante. ...De meu ponto de vista, um elemento útil para me nortear no oceano relativista em que nós tradutorxs podemos navegar – e talvez, ou não, nos afogar – é o original.”

No cotejo do original *Animal Farm* com *A Fazenda dos Animais*, de Denise, pode-se observar que ela seguiu a bússola do original e não se desviou da trajetória da rebelião e do original concebido por George Orwell. O leitor de *A Fazenda dos Animais* terá pleno acesso à *Animal Farm*.

Em termos de nomes dos personagens, alguns exemplos de opções merecem ser observadas. Na tradução do tenente Heitor Aquino Ferreira, *Major*, nome porco mentor da rebelião, que significa grande ou importante em Inglês, sem nenhuma referência à patente militar, foi chamado de Major, enquanto na Fazenda ele é mais bem identificado como Maioral. Os três cachorros, *Bluebell*, *Jessie* e *Pincher*, que passaram a ser Ferrabrás, Lulu e Catavento em *Revolução dos Bichos* ressurgem como Sininho, Pepita e Pinça, na *Fazenda*. Os cavalos *Boxer* e *Clover* passaram de

Sansão e Quitéria na tradução antiga para Colosso e Clorinda na recém-publicada. A bonita e tola égua Molly, anteriormente Mimosa, ressurgiu como Maricota. Percebe-se certa preocupação da tradutora em aproximar-se do significado em inglês, quando há, ou de procurar nomes mais sonoros em português, em um sinal de domesticação. O corvo *Moses*, por ser uma alegoria de autoridade religiosa, permaneceu Moisés nas duas traduções, assim como *Napoleon*, o porco autoritário, foi identificado como Napoleão em ambas.

Os nomes dos inimigos anteriores aos conchavos, os seres humanos, foram mantidos em inglês – *Jones, Frederick, Pinkington, Whympers* –, nas duas traduções. Além de manter a cor local, de uma história que se passa em outro país, eles podem indicar também a origem do autor, que era britânico nascido na Índia Colonial em 1903.

Na tradução de Denise Bottman, é possível observar o cuidado e o trabalho primoroso com a língua portuguesa. O exemplo mais evidente é na tradução da letra da música “Bichos da Inglaterra”, formada por sete estrofes de quatro versos, onde foram mantidos o ritmo e as rimas, assim como a graça e a leveza da letra. A título de exemplo, eis o estribilho:

<i>Beasts of England, beasts of Ireland</i>	Bichos da Inglaterra e da Irlanda
<i>Beasts of every land and clime,</i>	Bichos de qualquer terra e clima
<i>Hearken to my joyful tidings</i>	Ouçam agora a minha boa nova
<i>Of the golden future time.</i>	Da era dourada que se aproxima

A tradutora utiliza recursos típicos da língua portuguesa, como os diminutivos: bobinha (*foolish*), leitãozinho (*little pig*), quando era pequenino (*in my infancy*), bacorinhos (*young pigs*), rabinho (*tail*); aumentativos: copázio de cerveja (*a gill of beer*), cantoria (*burst*); superlativo: pouquíssimo tempo (*in a very little while*), muitíssimo melhores (*improvement was enormous*) e termos como

palavrório (*long words*), ombros hercúleos (*mighty shoulders*), que resultam em riqueza vocabular e escapam da armadilha do “tradutês”.

Expressões usuais em português como “encaremos de frente” (*let’s face*), “verdade nua e crua” (*the plain truth*), “de pouca conversa” (*not much of a talker*), “eram favas contadas” (*could be counted on*), “corria o boato” (*was rumoured*), “horas a fio” (*hours on end*), “mais que tudo” (*above all*).

Há soluções pouco óbvias e interessantes para verbos: “suaram e mourejaram” (*toiled and sweated*), “marrando e corneando” (*prodded and butted*), “chifrados, escoiceados, mordidos, pisoteados” (*gored, kicked, bitten, trampled on*), “curvetear e escavar a terra” (*prance about and paw the ground*), pinoteavam (*gambled round and round*), cabriolando (*gambolling around*), caiu no engodo (*was deceived*). Alguns são verbos mais antigos, de pouco uso corrente, o que deve ter sido uma preocupação da Denise Bottman de retratar uma obra escrita nos anos 1940.

Para dar força e objetividade à obra, a tradutora “enxuga” as frases com frequência e opta, por exemplo, pelo pretérito-mais-que perfeito: “roubara sequer um bocado” (*had stolen so much as a mouthful*), “a notícia do que ocorrera” (*the news of what had happened*) e expressões mais sucintas do que as constantes do original, como: “valia por três cavalos” (*he seemed more like three horses than one*); “seguido pelos cães” (*with the dogs following him*). Ela escapa à óbvia reduzida de gerúndio: “O camarada Napoleão estava à morte” (*Comrade Napoleon was dying*) e adota uma solução criativa relacionada à fazenda: “cultivando o intelecto com leituras e conversas” (*improved their minds with reading and conversation*). Pergunto-me porque ela teria traduzido *corn* por trigo, e não milho.

É possível supor que Denise tenha considerado, deliberadamente ou não, aspectos da teoria funcionalista da tradução, de Christiane Nord, aplicável a textos literários ou não. Pelo nível de detalhamento e cuidado com a tradução, parecem ser sido considerados elementos extratextuais e intertextuais de *Animal Farm*, que resultaram em uma tradução de grande comunicação com o leitor.

Foram várias as estratégias adotadas por Denise Bottman para produzir uma tradução que, ao mesmo tempo em que traz a riqueza e complexidade do original de George Orwell, também oferece ao leitor uma tradução competente e primorosa em língua portuguesa.

George Orwell, *A fazenda dos animais*. Trad. Denise Bottman. São Paulo. L&PM, 2021. 160p.

Dinaura M. Julles é tradutora com 30 anos de experiência, formada em Jornalismo (Cásper Líbero), Tradução (PUC) e pós-graduação em Tradução (USP). Especializada em traduções financeiras, jurídicas e jornalísticas. Traduziu cinco livros da série TED Books, publicados pela Editora Alaúde. Ministra a Oficina de Tradução de Textos da Área Jurídico-Financeira na PUC-SP.